

Fundamentos do Islã

Maomé e o Alcorão. A base doutrinal criada por Maomé e o Alcorão constituem o fundamento sobre o qual assenta toda a estrutura da religião islâmica. O Alcorão ou Corão (al-Quran), é a coletânea dos versos recitados pelo profeta, graças -- segundo a tradição muçulmana -- a revelações feitas a ele por Deus, por intermédio do anjo Gabriel. As 114 suratas (capítulos) do Alcorão expõem os fundamentos do monoteísmo islâmico e os princípios morais que regem a comunidade.

Desde o início de suas pregações, Maomé infundiu em seus seguidores um profundo sentimento de fé e de fraternidade, intensificada em consequência das perseguições que o fizeram deixar Meca, mudando-se para Medina, com amigos e parentes, em 16 de julho de 622. Única data da vida do profeta em relação à qual todos os muçulmanos estão de acordo, a hégira (emigração, separação) marca o início da era islâmica. Depois da hégira, o profeta formou uma comunidade religiosa e política, a umma ou comunidade de crentes, que se perpetuou no Islã como uma religião-estado -- fusão que não foi contestada até o século XX.

Expansão territorial. Durante o governo dos quatro primeiros califas sucessores de Maomé e sob a dinastia omíada (661-750), o Islã estendeu-se em função das conquistas obtidas na guerra santa e da atuação das organizações místicas. Com a dinastia abássida, que perdurou até 1258, o império se fragmentou. Formaram-se vários estados, regidos por diferentes dinastias independentes, no norte da África, na península ibérica, Pérsia e em outros domínios. Apesar da divisão política, o Islã não perdeu sua unidade religiosa, institucional e econômica. A partir do século XII, a expansão da mística islâmica abriu novos caminhos para a religião, na Ásia central, Índia, Indonésia, Turquia e norte da África. Na Europa, o islamismo perdeu, no século XV, seus últimos reinos na Espanha e, depois da queda do império otomano, manteve somente redutos nos Balcãs e na Rússia meridional.

Fontes doutrinárias. A doutrina islâmica baseia-se em três fontes ou princípios fundamentais, além do Alcorão: o suna (tradições), o ijma (consenso) e o ijthihad (pensamento individual).

Suna. O conjunto de ensinamentos e atos de Maomé, a suna, está documentado no hadith. O grupo islâmico majoritário e considerado ortodoxo, o sunita, aceita seis coleções diferentes, que foram compiladas durante o século IX da era cristã (III da hégira). Outro grupo importante, o xiita, tem seu próprio hadith.

Ao procurarem garantir a autenticidade desses ensinamentos e atos, os sábios muçulmanos se detiveram menos na pureza do conteúdo do que na cadeia dos transmissores, em sua idoneidade e na proximidade com relação ao Profeta. A investigação da autenticidade do hadith constituiu tarefa fundamental dos estudos islâmicos. A exigência dessa garantia na transmissão foi mais rigorosa com relação aos textos legais do que com os de mera exortação espiritual.

A coleção mais importante foi elaborada no século IX por Mohamed ibn Ismail al-Bukhari e é conhecida como o Livro da autêntica coleção. Essas coleções, além de seu valor religioso para os crentes, constituem uma exaustiva enciclopédia legislativa, teológica, cerimonial, moral, social e comercial, que inclui aplicações práticas e exemplos moralizantes para o cotidiano.

Ijma. No segundo século da hégira, houve necessidade de fixar, por consenso universal (ijma), as prescrições legais e as práticas que derivavam do Alcorão. Em princípio, o ijma funcionava em favor da autoridade tradicional, uma vez que se referia sempre aos acordos passados e reconhecia opiniões conservadoras.

Atualmente, no entanto, dá maior relevo aos elementos liberais e democráticos inerentes a sua própria natureza.

Ijthihad. O esforço de adaptação do Alcorão a novas situações (ijthihad) foi importante no primeiro século do Islã. Nessa época, o ijthihad tomou a forma de opinião pessoal, o que deu origem a muitos conflitos. Nos séculos seguintes, a reflexão individual foi substituída por uma analogia rigorosa entre novas situações e os textos já adotados. Compilados os ensinamentos e atos de Maomé e estabelecido o consenso universal, o esforço individual de adaptação do Alcorão às novas situações foi limitado. Pensadores muçulmanos, no entanto, como Algazali, no século XI, e os reformadores dos séculos XVIII e XIX, voltaram a reivindicar a reflexão individual.

Pilares do Islã. As características básicas da organização social e religiosa que definem o islamismo para todos os fiéis ficaram conhecidas como os "cinco pilares" (arkan) do Islã. Algumas seitas, como a dos caridjitas, tentaram, sem sucesso, incluir um sexto pilar, o jihad ou guerra santa.

Profissão de fé. "Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é seu profeta". Essencial para ingressar na comunidade islâmica, a profissão de fé (chahada, literalmente "testemunho") deve ser pronunciada clara e conscientemente, com profundo entendimento e aceitação, ao menos uma vez na vida, embora seja repetida, na verdade, com freqüência e em todas as ocasiões importantes. O reconhecimento de Maomé como profeta iluminado por Alá implica a crença num só Deus criador, nos anjos, nos profetas (basicamente Adão, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé), na ressurreição, no juízo e na recompensa em outra vida.

Oração. O segundo pilar consiste de uma oração ritual que deve ser proferida cinco vezes ao dia, com o rosto voltado para Meca: ao amanhecer, ao meio-dia, entre as três e as cinco, antes do pôr-do-sol e à noite. Não existe outra liturgia senão a da palavra; não existe um clero propriamente dito, mas somente pregadores e encarregados de fazer a chamada para a oração (almuadens) e de dirigi-la (imãs); às sextas-feiras celebra-se a oração na mesquita, precedida de um sermão de caráter moral, social ou político.

Pagamento de dízimo. O zocat (purificação) constitui uma esmola, que deve ser paga anualmente, em moeda ou mercadorias. É coletada pelo estado e destina-se aos pobres, ao resgate dos cativos ou dívidas crônicas, à guerra santa -- e, por extensão, à educação e à saúde -- e às peregrinações.

Jejum. Durante o ramadã (nono mês do calendário muçulmano), está prescrito um rigoroso jejum. Nesse período, desde o nascer até o pôr-do-sol, é vedado comer, beber, fumar, perfumar-se e manter relações conjugais. Durante a noite, porém, tudo volta a ser lícito. Os enfermos ou viajantes podem adiar o jejum para data futura e por igual número de dias. Os que contam com recursos suficientes devem custear, também, a alimentação de um indigente.

Peregrinação a Meca. Ao menos uma vez na vida, todo muçulmano que tiver recursos deve peregrinar a Meca (haj) no último mês do ano. O peregrino tem que visitar a Mesquita Sagrada, no centro da qual se encontra a Caaba, rodear sete vezes essa construção cúbica -- três correndo e quatro vagarosamente --, tocar e beijar a pedra negra de Abraão (meteorito localizado no ângulo este da Caaba), beber água no poço de Zemzem, correr sete vezes a distância entre os montes Safa e a Marva, ir até o monte Arafat e a Mina, onde os fiéis atiram pedras contra colunas baixas (lapidação do diabo) e sacrificar um animal em memória de Abraão, considerado o primeiro profeta, construtor da Caaba e pai dos árabes.

Tendências teológicas e doutrinárias

A teologia e filosofia islâmica é um esforço de esclarecimento racional e de defesa da fé. Os pensadores muçulmanos mantêm uma posição intermediária entre os tradicionalistas, que se prendem às expressões literais das primeiras fontes da doutrina islâmica, e aqueles cuja razão os levou a abandonar completamente a comunidade islâmica. No princípio, a teologia ligou-se à mera interpretação do Alcorão. Já no século seguinte a Maomé, formularam-se problemas relacionados ao dogma da unidade de Deus e à conciliação entre a onipotência divina e a liberdade humana.

Seitas. Apesar da noção de comunidade unificada e consolidada, conforme ensinado pelo Profeta, sérias divergências surgiram entre os muçulmanos imediatamente após a morte de Maomé. Este não deixou filhos, nem estabeleceu regras de sucessão. Os dois primeiros califas, Abu Bakr e Omar eram sogros de Maomé e sua eleição não foi discutida. A eleição de Uthman, da família omíada e genro do profeta, causou polêmica maior. Depois do assassinato de Uthman, em 656, Ali, primo e genro de Maomé, assumiu o califado, o que deu origem a um cisma no Islã. A principal divergência dizia respeito ao caráter do governo da comunidade: o governante deveria ser um continuador da missão profética de Maomé ou um simples governante civil? Os partidários de Ali optaram pela primeira hipótese, mas a segunda acabou por prevalecer na maior parte do mundo islâmico, ficando os xiitas (partidários de Ali) isolados no Irã e em parte do Iraque. Começou assim a guerra interna. Com o assassinato de Ali, em 661, teve início a dinastia omíada, mas as desavenças continuaram. Diferentes posições com relação à sucessão deram origem a quatro seitas básicas: caridjitas, mutazilitas, sunitas e xiitas. As duas últimas prevaleceram e motivaram o aparecimento de diferentes tendências teológicas, que ainda hoje perduram. Essas seitas divergiam fundamentalmente quanto a questões de sucessão e quanto a certos matizes teológicos. Todas elas, no entanto, aceitavam a palavra de Maomé além dos cinco pilares do Islã.

Caridjitas. Chamados "rebeldes", os caridjitas apoiaram Ali no início, mas se voltaram contra ele, acusando-o de ter cometido grave pecado ao fugir do combate e recorrer a julgamento para defender seu direito ao califado. Preconizavam que o pecador que não se arrepende sinceramente de seus erros deixa de pertencer ao Islã, porque a profissão de fé nada significa se não corresponde à ação. Pregavam também o jihad, ou guerra santa, como um dos pilares do Islã. Essa seita fanática foi extinta no segundo século da hégira.

Mutazilitas. No sentido literal, mutazilita quer dizer "o que se separa", numa referência ao fato de que os membros da seita se mantiveram afastados de idéias radicais sobre fé e infidelidade. Os mutazilitas adotaram uma postura intermediária entre Ali e seus inimigos. Teologicamente defendiam a liberdade humana e consideravam a ação parte essencial da fé. Segundo eles, a razão pode discernir o bem do mal, motivo pelo qual a revelação constitui uma ajuda, mas não é indispensável. Para os mutazilitas, Deus é pura essência, pois atributos romperiam sua unidade. Esses humanistas perseguiram duramente seus inimigos, quando, no século II da hégira, conseguiram impor temporariamente suas crenças.

Sunitas. Seguidores da seita mais importante em contraposição aos xiitas, os sunitas se definem como ortodoxos, seguidores da tradição, a suna. Suas doutrinas remontam à época dos cismas, mas só foram

explicitamente formuladas como "teologia ortodoxa", no século X. Reagiram contra as divergências doutrinárias e admitiram a legitimidade dos quatro califas eleitos. Para eles, a maioria não pode errar porque está protegida por Deus. Pragmáticos e tolerantes, acreditam que nenhum grupo deve ser excluído, a não ser que renuncie ao Islã. Aceitam uma síntese entre a responsabilidade humana e a onipotência divina. As ações, de acordo com os sunitas, reforçam a fé, mas não são essenciais. Dividiram-se em quatro ritos ou escolas.

Xiitas. Defensores de Ali e do direito de sucessão da família do profeta, tese que usaram contra o poder omíada, os xiitas logo desenvolveram uma base teológica para suas concepções políticas. Sob influências gnósticas e persas, transformaram a figura do governante, o imã, num ser metafísico, manifestação de Deus. Pelo contato com o infalível imã, é possível descobrir os sentidos ocultos das revelações do Alcorão. Os xiitas reconhecem 12 encarnações do imã, que, segundo eles, voltará no fim do mundo com a verdade e a justiça. Divididos em diversos grupos, praticam flagelações e duras penitências em celebrações.

Sufistas. Nascido do ascetismo, mais exatamente como um movimento místico, o sufismo não pode ser considerado uma seita. Sua mística se funda no amor, na confiança absoluta em Deus e na interioridade da experiência religiosa. Surgiu como uma reação à racionalização externa do Islã e incorporou, mais tarde, alguns elementos de outras religiões. O século XIII foi a idade de ouro do sufismo, quando começaram a surgir irmandades desde a Índia até o norte da África, e floresceu igualmente a poesia mística, com o emprego de imagens amorosas.

A doutrina sufista distingue entre o que denomina "etapa", os esforços para avançar no "caminho", e "estado", os dons outorgados por Deus. As principais etapas são o arrependimento, a abstinência, a renúncia, a pobreza, a paciência, a confiança em Deus e a satisfação. Os estados são a meditação, a aproximação de Deus, o amor, o temor, a esperança, o anseio, a intimidade, a tranquilidade, a contemplação e a certeza. Para seguir o "caminho", é necessária a orientação de um mestre, a quem se deve obedecer em tudo. O objetivo último do discípulo é a contemplação a Deus, alcançada após a experiência do êxtase.

Filosofia. A filosofia islâmica buscou fundamentar as verdades do Alcorão na razão. Num primeiro período, estimulados pela descoberta das obras dos autores gregos, os filósofos deram prioridade ao estudo científico. A tendência a harmonizar razão e fé chegou ao auge com Avicena (século XI), que se inspirou em Aristóteles. Graças a ele e a outros pensadores árabes, recuperou-se grande parte do saber clássico no Ocidente. Obscurecida pela influência do sufismo a partir do século XII, a filosofia ressurgiu, nos séculos XVI e XVII, finalmente, na Pérsia e na Turquia com a "nova sabedoria", que integrava elementos das escolas anteriores e preparou o caminho para a superação da dicotomia entre tradicionalismo e modernismo.

História do Islã

O estudo das divisões dinásticas e políticas convencionais do Islã permite retratar como os muçulmanos, ao longo de 14 séculos, conquistaram novos povos e construíram uma civilização e religião internacional. O Islã foi fundado no século VII da era cristã, na Arábia, por Maomé, como uma religião monoteísta que enfatiza a adesão rigorosa a certas práticas religiosas. A religião muçulmana, assentada na escritura sagrada, o Alcorão, converteu-se numa força unificadora de diversos povos, a partir do elemento original árabe. O império que se formou em virtude da expansão muçulmana pelo Oriente e Ocidente não foi apenas árabe, tampouco teve uma tendência religiosa única. Apesar de criadas diversas facções e seitas, o sentimento de coesão do mundo muçulmano não diminuiu. Essa coesão baseou-se no monoteísmo e na prática religiosa, regedora também da vida civil e da justiça, e principal impulsionadora da expansão territorial, da pregação e da guerra santa.

Filosofia islâmica

O pensamento árabe representou, em suas mais remotas origens, uma dinâmica projeção dos grandes sistemas filosóficos gregos, ainda que vazado em língua semítica e fundamentalmente modificado sob a influência oriental. A dimensão desse fato torna-se imensa quando se considera que o Ocidente deve aos filósofos árabes quase toda a preservação, já em nível crítico, do platonismo e, sobretudo, do aristotelismo.

Filosofia islâmica é o pensamento expresso em língua árabe e intimamente relacionado à religião muçulmana que floresceu entre os séculos VII e XV. Excluem-se dessa denominação as tendências modernas e contemporâneas da filosofia árabe, analisadas apenas como floração do Oriente dentro e fora dos limites da Idade Média latina.

Na origem e, a rigor, ao longo de toda a sua evolução, a filosofia árabe transmite ao mundo ocidental os fundamentos de quase todo o pensamento filosófico do Renascimento, em particular na Espanha e na Itália. Sem a contribuição dos comentadores árabes, o Renascimento seria depositário apenas do monólogo cristão da Idade Média. Seria correto dizer que os próprios pensadores medievais, em particular os tomistas, pagaram pesado tributo a esses ousados "heréticos" orientais.

Maomé

Político talentoso, chefe militar e legislador, Maomé, fundador da religião muçulmana e do império árabe, teve na religião sua área de interesse privilegiado.

Abulqasim Mohamed ibn Abdala ibn Abd al-Mutalib ibn Hashim, Maomé (ou, nas formas tradicionais portuguesas, Mafoma, Mafamede) nasceu em Meca, na atual Arábia Saudita, provavelmente no ano 570 da era cristã. O nome Maomé significa "altamente louvado". Pertencia ao clã dos Hashim (Banu Hashim), um dos ramos da tribo dos coraixitas (Qoreish, Quraish ou Qoraish), guardião da Caaba, templo nacional do povo árabe. Os dois clãs em que se subdividia a tribo dos coraixitas -- os hachemitas e os omíadas -- ocupavam todas as posições importantes da comunidade desde 440, mas os primeiros aos poucos perderam a fortuna e a influência. Órfão muito cedo, Maomé foi criado primeiramente pelo avô paterno, Abd al-Mutalib, e mais tarde pelo tio, Abu Talib, coletor de impostos e mercador, que o iniciou nas artes do comércio. Aos 25 anos, já com a reputação de comerciante honesto e bem-sucedido, casou-se com a rica viúva Cadidja, 15 anos mais velha do que ele. O matrimônio durou até a morte de Cadidja, vinte anos depois.

A Arábia politeísta do tempo de Maomé sofria várias influências externas, tanto do cristianismo de Bizâncio como das idéias religiosas judaicas, abissínicas e persas. Meca era um importante e próspero centro comercial e religioso, que abrigava na Caaba os ídolos de todas as tribos da península e os deuses da religião de todos os chefes de caravana que ali passavam. Cultuavam-se ali mais de 360 deuses. Preocupado com a idéia de restabelecer a religião monoteísta de Abraão (Ibrahim, em árabe), Maomé teria tido uma visão do arcanjo Gabriel, que lhe revelou a religião que deveria professar. As revelações teriam se repetido durante toda a vida do profeta e logo começaram a ser registradas por escrito. Por volta do ano 650, Maomé formou com elas o Alcorão (ou Corão), livro sagrado muçulmano. A nova religião foi chamada islamismo ou Islã, que significa "submissão à vontade divina", e seus adeptos, muçulmanos, "os que se submetem".

Início da pregação. Nos primeiros tempos, a pregação de Maomé dirigiu-se a reduzido número de amigos e parentes. Só depois, por volta de 615, ele tornou pública sua mensagem relativa à existência de um deus único e todo-poderoso, chamado em árabe Alá, de quem se intitulava mensageiro ou profeta. Os omíadas cedo perceberam que os novos ensinamentos monoteístas representavam uma ameaça a sua hegemonia política e econômica e um perigo social. Maomé e seus seguidores foram perseguidos e os membros de seu clã, os hachemitas, submetidos a pressões. Muitos muçulmanos foram obrigados a fugir para a Etiópia. O próprio Maomé refugiou-se no deserto, num castelo pertencente a Abu Talib. Em 617 ou 619, o chamado "ano do luto", morreram Cadidja e Abu Talib.

Hégira e Medina. Pouco depois, Maomé recebeu um convite para fazer de Yathrib, cidade localizada ao norte de Meca, a sede de seu apostolado. Pelo pacto de Aqaba, as tribos de Yathrib aceitavam a fé muçulmana e reconheciam Maomé como seu líder religioso e militar. Iniciou-se, a partir de então, a migração gradativa dos adeptos da nova religião residentes em Meca para Yathrib. O deslocamento só terminou com a chegada do profeta à cidade, em 25 de setembro de 622. O ano da Hégira ("saída" ou "fuga") tornou-se o ponto inicial da cronologia maometana. A cidade de Yathrib passou então a chamar-se Medina (Madinat an Nabi, isto é, Cidade do Profeta).

Nesse mesmo ano, o Islã afirmou-se não só como religião, mas como comunidade organizada. Maomé estabeleceu a constituição medinense e insistiu no dogma da guerra santa (jihad). Das três batalhas contra Meca, perdeu apenas a segunda. Nessa época, já resolvera dar a maior difusão possível à nova fé, com o que surgiu a idéia do pan-islamismo. Muitos árabes e alguns judeus abraçaram a nova religião. Aos que a repeliram, Maomé declarou guerra e obrigou os vencidos a aceitar a nova fé ou pagar tributos especiais.

Meca. O objetivo seguinte era a conquista de Meca. Maomé recorreu à diplomacia e declarou seu intento de manter a peregrinação anual a Meca como um dos rituais básicos do islamismo. Conversações entre as duas partes tiveram como resultado o Tratado de Hudaibia, que punha fim às hostilidades e autorizava os muçulmanos a peregrinar a Meca no ano seguinte. Declarou-se uma trégua de dez anos, que Maomé aproveitou para fortalecer sua posição e aumentar o número de seus adeptos.

Em 630, Meca violou o pacto de Hudaibia, ao apoiar uma tribo que atacara um grupo de simpatizantes do profeta. Maomé valeu-se desse pretexto para avançar sobre a cidade, à frente de um exército de dez mil homens, e apoderar-se dela. Demonstrando mais uma vez grande visão política, o profeta manteve a peregrinação anual e o caráter sagrado da Caaba -- embora tenham sido destruídos os inúmeros ídolos pagãos adorados em Meca -- e agiu com magnanimidade ao perdoar os rebeldes.

No auge de seu poder, Maomé passou a receber diversos representantes tribais que vinham solicitar aliança e pagar tributo. Constituiu-se uma federação de tribos, embrião do estado islâmico, e o profeta dirigiu a unificação

do povo árabe. Maomé voltou a Meca no início de 632 e dirigiu pessoalmente a peregrinação. De volta a Medina, morreu em 8 de junho de 632, sem haver nomeado um sucessor.